



Manuel Costa e Silva, nascido em Espinho e realizador há cerca de dez anos, vai ter a concurso na presente edição do Festival de Cinema de Berlim o seu documentário sobre a Linha do Vale do Vouga, intitulado "Um Tempo Reencontrado". A obra tem a duração de 37 minutos e põe em foco aquele percurso ferroviário, que tanto esteve ligado a Espinho.

"Um Tempo Reencontrado" é o sucessor de vários tra-

balhos cinematográficos de Costa e Silva, que espera realizar em breve uma longa-metragem de ficção com o título "O Homem que matou Amália Rodrigues".

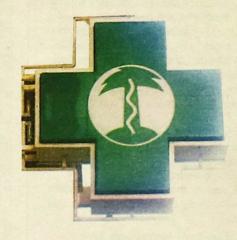
ENTREVISTA NA PÁG. 6



PERFIS - RUI LACERDA MACHADO pág. 9

"Gosto da memória de Espinho"

VENDA DE GENÉRICOS EM QUESTÃO



REPORTAGEM NA PÁG. 7



"PROJECTO
DO PAVILHÃO
JÁ ESTÁ PRONTO" PAG 10



Manuel Freire recorda Gedeão

Em Fevereiro de 1997 faleceu o grande poeta António Gedeão (Rómulo de Carvalho), autor, entre outros poemas, da célebre "Pedra Filosofal"

A Onda Poética comemorará, no próximo dia 18, 2.ª feira, pelas 21h30, no Bar Dominó do Casino de Espinho, a efeméride, tendo como convidado especial Manuel Freire, que cantará e recitará alguns poemas de Gedeão. .

De tamancos, à holandesa?

Sim, muito provavelmente será assim que a maioria dos espinhenses que ainda prezam a sua higiene "pedonal" terão de andar pelos passeios da sua cidade. É que (e não queremos ser repetitivos, mas tempos de ser) a vulgarmente chamada "larada canina" está em crescimento quantitativo. Mais ainda, outra praga que está a crescer são os dejectos de pombas que se estão a transformar numa versão espinhense dos "Pássaros" de Alfred Hitchcock. E esses não só sujam os pés como podem igualmente borrar o que está acima dos mesmos. São autênticos bombardeamerdentos aéreos que fazem a felicidade suprema das lavandarias do burgo.

Leitor, ponha-se a pau. Vá à feira e compre tamancos como os da gravura. É o que está a dar.



Escombros

Continua a degradar-se, dia a dia, o antigo Palacete da Pena, com graves inconvenientes, como já se assinalou nas colunas do "MV". Além daquele edificio, existe anexo um mini-pavilhão que se encontra, até, em pior estado: uma autêntica ruína que, para além de contribuir para a má imagem do local, situado numa artéria de entrada e saída da cidade, encerra uma situação lesiva facilmente detectável. Numa cidade que pretende "vender" uma boa imagem, como é possível os anos passarem e não encontrarem uma solução para aqueles escombros?

Para que servem?

"MV", isto há bastante tempo, porém tudo continua como dantes.

Ali, na Rua 62, existe o antigo posto da ex-Polícia de Viação e Trânsito (mais tarde um quiosque de curta

Também já foi notícia no vida), como também a báscula utilizada para controlar o peso dos veículos.

Para que servem aqueles

Estarão no roteiro dado aos turistas que nos visitam, como relíquias citadinas? .

Sportinguistas em AG

O Núcleo Sportinguista de Espinho vai prosseguir amanhã, dia 15, na sua sede social, os trabalhos da Assembleia Geral que se iniciou no passado dia 25 de Janeiro. Da Ordem de Trabalhos desta Assembleia consta a eleição dos novos Corpos Gerentes do Núcleo. •

Uma rectificação

No artigo de Augusto Mota publicado na nossa anterior edição sob o título "O povo já disse o que tinha a dizer", e logo no primeiro parágrafo, ocorreu uma imprecisão, de culpa nossa e da qual nos penitenciamos. Ficou escrito: "Lançado o repto, em Maio passado, participaram no debate oito leitores, metade dos quais manifestam explicitamente a opinião de que em Espinho ainda não é possível uma razoável qualidade de vida e manifestam um aceitável grau de satisfação com a sua cidade." Logicamente, o "não" está a mais, pelo que deveria estar escrito, como o autor o fez no seu original, "...em Espinho ainda é possível uma razoável qualidade de vida...". Fica reposta a verdade do texto, com as nossas desculpas a Augusto Mota

DECLARAÇÃO

Linda Aníbal Marques Monteiro da Silva saiu de casa, morada de familia, em que habitava com o seu marido, José Manuel Neves Taveira, em virtude de por ele, e pelo pai deste, ter sido expulsa.

A signatária não tem qualquer dívida com familiares ou terceiros, porque sempre viveu à custa do seu trabalho, o mesmo não acontecendo com o Autor de outra Declaração a que agora se res-

A dupla personalidade e o comportamento indecoroso do sr. José Manuel Neves Taveira foram as causas determinantes da separação do casal e que judicialmente serão comprovadas.

Lamenta-se, assim, mais este comportamento traiçoeiro e aviltante do autor da Declaração que ora se contesta.

Linda Anibal Marques Monteiro da Silva





Quinta, 14 CONCEIÇÃO - Estrada de S. Tiago, Silvalde / Telef. 227311482 Sexta, 15 TEIXEIRA - Av. 8 - C.C. Solverde / Telef. 227340352 Sábado, 16 SANTOS - Rua 19 n.º 265 / Telef. 227340331 Domingo, 17 PAIVA - Rua 19 n.º 319 / Telef. 227340250 Segunda, 18 HIGIENE - Rua 19 n.º 393 / Telef. 227340320

Quarta, 20 CONCEIÇÃO - Estrada de S. Tiago, Silvalde / Telef. 227311482

Terça, 19 GRANDE FARMÁCIA - Rua 8 n.º 1025 / Telef. 227340092

CENTRO MULTIMEIOS: 'VANILLA SKY'

(15 A 21 DE FEVEREIRO)



ESPINHO

Hospital	227331130
Centro de Saúde	227341167
C. R. Segur. Social	227341956
Clínica Costa Verde	227345885
Clínica N.S. d'Ajuda	227342695
Clínica S. Pedro	227344714
Policlínica	227330640
PSP	227340038
Tribunal	227342351
B.V. Espinho	227340005
B.V. Espinhenses	227340042
C.M.E.	227335800
Avarias (Águas e San.)	227335840
Biblioteca	227340698
EDP (agência)	227348387
EDP (avarias)	800506506
Junta de Freguesia	227344418
CTT Rua 19	227330631/2
CTT Rua 32	227330661/3
CTT (C.D. Postal)	227340010
Registo Civil	227340599
Finanças	227340750
Tesouraria	227343730
CP	227346312

A. Viação Espinho	22734032
Táxis (Graciosa)	22734001
Táxis (Câmara)	22734316
R. Táxis C. Verde	22734011
R. Táxis União	22734801
R. Táxis Unidos	22734223
Táxis Verdemar	22734350

ANTA

Junta de Freguesia	227346453
Unidade de Saúde	227345810
Lar da 3.ª Idade	227344651
Farmácia	227341109

GUETIM

Junta de Freguesia 227344226

PARAMOS

Junta de Freguesia	227342710
Unidade de Saúde	227345001
Farmácia	227346388
Reg.º Engenharia	227342023
Centro Social	227342005

SILVALDE

Junta de Freguesia	227344017
Un. Saúde Silvald.	227343642
Un. Saúde Marinha	227343101



Marés



QUARTO CRESCENTE Dia 20 de Fevereiro

100	2								
	da semana		PRAIA	-MAR			BAIXA	-MAR	
		MAN	٨HĀ	TAR	DE	MAN	١HÃ	TAR	DE
		Hora	Altura	Hora	Altura	Hora	Altura	Hora	Altura
14	QUI.	04.02	3.5	16.19	3.2	10.11	.8	22.16	.8
15	SEX.	04.33	3.4	16.48	3.1	10.42	.8	22.47	.9
16	SAB.	05.03	3.3	17.18	3.0	11.12	.9	23.20	.9
17	DOM.	05.35	3.2	17.51	2.9	11.44	1.0	23.54	1.0
18	SEG.	06.10	3.0	18.28	2.8			12.19	1.1
19	TER.	06.51	2.8	19.13	2.7	00.34	1.2	13.00	1.2

Maré

20.15 2.6 01.23 1.3

DIRECTOR Nuno Barbosa

07.42

2.7

REDACTORES Carlos Humberto Cruz, Carlos Luís Gaio, Eduarda Ribeiro, Elda Ferreira, Elisa Silva, João Limas, José Barrosa, Magda Guedes, Manuela Lima Barrosa, Marta Bigail, Mayra Santos, Rafaela Vieira Santos, Sandra Santos, Vitor Solteiro

FOTOGRAFIA Cassiano Soares

COLUNISTAS Alberto F. Camacho, António Moreira da Costa, António Teixeira Lopes, Armando Jacinto, Carlos Morais Gaio, Carlos Sárria, Carvalho Baptista, Correia de Araújo, Rita Maia Gomes, Rui Zink, Victor

PUBLICIDADE Eduardo Dias

ADMINISTRADOR António Gaio REDACÇÃO E COMPOSIÇÃO Rua 62 n.º 251 - 4500-366 Espinho Telef. 227331355 - Fax 227331356 - E-mail: mare.viva@netc.pt

PROPRIEDADE E EXECUÇÃO GRÁFICA NASCENTE - Cooperativa de Acção Cultural, CRL - Rua 62 n.º 251

4500-366 Espinho - Telefs. 227331357 / 227331350 - Fax 227331358 N.º de registo de Pessoa Colectiva 500615268
TIRAGEM DESTE NÚMERO 1.500 exemplares

NÚMERO DE REGISTO DO TÍTULO 104499, de 28/06/76 **DEPÓSITO LEGAL** 2048/83



Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autores, podendo não reflectir, necessariamente, a

CASA ALVES RIBEIRO

Rua 19 n.º 294 - Espinho

vende

- bacalhau de primeira qualidade
- vinhos do porto datados
- espumantes naturais
- · vinhos de mesa
- whiskies e aguardentes
- amendoim torrado
- biscoitos de Valongo
- cafés de fábrica própria do que de melhor se fabrica



A Assuão portuguesa

Com toda a pompa e alguma circunstância foram fechadas, na passada sexta-feira, as comportas da Barragem do Alqueva, a tal que originou inúmeros cartazes, anos a fio, com a frase "Construam-me, porra!". Ao que sei, a Assuão portuguesa começou a ser gerada no final da década de cinquenta, fruto do tão badalado plano de rega do Alentejo que, como é óbvio, resultou numa autêntica cornucópia de água que inundou aquela região. Ou não tivesse sido engendrado pelo homem de Santa Comba...

Mas muitos anos se passaram e, finalmente, aí está Alqueva. Como é típico da mentalidade dos descendentes de Viriato, a Barragem tinha de ter algo de muito especial, distinto, e que pusesse mais um risquinho na coronha do nosso "Colt 45" da gabarolice e da vã glória. Depois de muitas voltas à cabeça, os responsáveis actuais chegaram à conclusão de que aquilo vai ser, provavelmente daqui a 23 anos, o maior lago artificial da Europa. Só faltou dizer, como era costume antigamente, que o Alentejo vai voltar a ser o celeiro (de regadio) do país. Isso do sequeiro foi chão que já deu... trigo.

Pois então lá esteve todo o aparelho governativo (com contrato a prazo) a mais os seus convidados que encheram oito autocarros para irem à coroa da barragem descerrar uma placa comemorativa do acto - o fecho das comportas - e, naturalmente, para o almocinho da praxe e do protocolo. As televisões, pelo menos duas delas, fizeram uma ampla cobertura do acto durante a manhã, com os Jornais da Tarde a serem transmitidos "in loco" e com alguns dos seus repórteres mais "tenrinhos" a dar shows disso mesmo, da sua "verdura". Não sei, realmente, até porque na altura ainda era, eu próprio, muito "tenro", se David Nasser, ex-presidente do Egipto, proporcionou aos descendentes de Ramsés uma cerimónia tão luzida aquando da inauguração da Barragem de Assuão. Mas que, para fim de "reinado", Guterres pôs, como se diz agora, a cereja no topo do bolo graças ao fecho de comportas que vão "secar" o Guadiana, temporariamente, claro, até à sua foz, disso não pode restar qualquer espécie de dúvidas.

Isto apesar de um discurso confuso, triste, redondo. Infelizmente a lembrar-me (e foi isso mesmo que me veio à cabeça ao ouvi-lo) os gloriosos discursos inauguratórios de Américo Tomás. Também estou a ser mauzinho. Tomás era imbatível na redundância.

Mas enfim. A obra está feita após uma longa, lonquíssima gestação. Como é habitual nestes casos, à custa do desaparecimento de aldeias, de culturas, de muita coisa. O custo do progresso, se é que se pode dizer assim. E, segundo proclamam os senhores do poder, o Alentejo vai deixar de ser o que era, entrando numa espécie de entupimento de turistas, mirones e outros. Para além do regadio, claro. . N.B.

"Só faltou dizer, como era costume antigamente, que o Alentejo vai voltar a ser o celeiro (de regadio) do país.

Dr. Vitor Hugo

MÉDICO DENTISTA

SAMS - S. QUADROS - C.G.D. - ACASA - P.S.P.

Rua 19 n.º 342, 1.º - Sala 4 - Telef. 227312770 ESPINHO

91 anos completados na passada segunda-feira

Parabéns ao Orfeão

A 11 de Fevereiro de 1911, um grupo de sócios do Grémio dos Imparciais fundou o Orfeão de Espinho, e o seu primeiro maestro foi Fernando Matos. No ano seguinte estreou-se no Teatro Aliança e um ano depois actuou em Ovar com grande êxito. Em 1915, Fausto Neves assume a regência e em 1926 funda o Rancho Infantil de Espinho. Noventa e um anos passaram e, apesar dos altos e baixos, o Orfeão continua de pé.

Miguel Azevedo Brandão é o presidente da actual direcção e, em entrevista ao "MV", começou por falar do principal problema do Orfeão: "Costumo dizer que esta direcção foi apanhada de surpresa; não foi como no Benfica, mas quase. A anterior direcção teve muitas iniciativas, mas deixou-nos a tesouraria completamente arrasada. O Orfeão, neste momento, deve a duas entidades e estamos a tentar pagar o que devemos, porque a ideia desta direcção é primeiro arrumar a casa e depois fazer as fes-

No que diz respeito às actividades da colectividade, no último ano fez-se o que é habitual, desde o "Ir a Banhos" ao "S. João", passando por algumas actuações com o teatro e pouco mais. Miguel Azevedo Brandão realçou ainda que "a Santa Casa da Misericórdia de Espinho tem--nos apoiado em tudo o que precisamos, nomeadamente cedendo-nos espaço para actuações do coral e do teatro". E, como tal, fizeram também o aniversário da Santa Casa. "Não fizemos quase nada para não gastarmos dinheiro que não temos", concluiu o presidente da colectividade mais antiga de Espinho.

Relativamente ao futuro, nomeadamente ao ano de 2002, o presidente adiantou alguma coisa: "Este ano, a casa já está mais ou menos arrumada e o encontro de coros que se pretendia para Novembro vai ser feito a 6 de Abril. E, como foram abertas duas novas secções, a de desporto e lazer e a secção de coreografia e dança, a secção de desporto e lazer pretende realizar uma prova de atletismo. Tudo o que é habitual vai continuar a ser feito. Estamos a pensar fazer um café concerto, este para angariar fundos para uma instituição, ainda não sabemos qual, mas ligada a crianças. Porque o lema da direcção para este ano é 'Colocar o Orfeão ao serviço', e pode ser ao serviço da cultura, da co-



Miguel Azevedo Brandão

munidade. etc."

Por outro lado, o Orfeão, como qualquer outra colectividade, sofre de problemas financeiros e Miguel Azevedo Brandão mostrou a sua indignação: "O Orfeão, como a colectividade mais antiga de Espinho, não se concebe, e deixo aqui a mais viva indignação pessoal, que uma instituição com 91 anos e que tanto tem dado à cidade, não tenha uma sede própria. Desconheço outra situação igual ao Orfeão de Espinho". E o principal problema é a falta de uma sede própria: "O grande problema do Orfeão é que estamos a pagar uma renda mensal das instalações e que vamos pagando com algumas dificuldades. Ora, se tivéssemos um subsídio pelo menos para a renda, 70 contos por mês, ao fim do ano era muito dinheiro. O Orfeão neste momento tem custos fixos muito altos que não consegue suportar, porque não tem a ajuda financeira de ninguém. Temos a promessa da Câmara de no encontro de coros nos dar ajuda financeira, porque sem essa não é possível fazer nada".

Como o dia de aniversário do Orfeão ocorreu na segunda-feira de Carnaval e este ano a direcção quer fazer o encerramento das comemorações dos 90 anos e, consequentemente, o desejo é que a festa seja maior e aberta a toda a população de Espinho. Assim, ela só será feita a 2 de Março, no restaurante "Ripolins" em Grijó. Vai haver uma pequena sessão solene e a seguir um jantar que terá algumas surpresas. . M.G.



TEL. 227340413 **ESPINHO**

Francisco de Oliveira

SOLICITADOR

ESC.: Rua 19 n.º 405 - 2.º C Tel. 227320680 RES.: Rua Padre Sá n.º 201 Paramos - Espinho Tel. 227345190



TEXTIL QUENTE E FRIO PANTOGRAFIA

DECORAÇÃO DE MONTRAS

LASER

E VIATURAS PAINÉIS

Publicidade que até mete impressão

TEL: 227 312 506 FAX: 227 318 954 RUA 26, 942 - 4500.284 ESPINHO

ABRANTES ADVOGADO

> Rua 18 .º 582 - 1.º Esq.º Sala 3 - Telef. 227343811



CICLOMOTORES DE ESPINHO

Sá Faria & Santos. Lda.

MOTORIZADAS - BICICLETAS - ACESSÓRIOS

ARMAZÉM DE ACESSÓRIOS PARA QUALQUER MARCA DE MOTORIZADAS E BICICLETAS

Av. 24 n.º 841 - Tel. 227343800 - Apartado 107 - ESPINHO



ALBERTO CAMACHO

Espinho-praia-mar

De cima da estrada adivinho sem esforço o glorioso mar e tenho a sensação que ele também gosta de me ver, citadino, sulista vergado enfim ao poder sedutor daquele manto de água salgada abarrotado de segredos, cemitério de ilusões, estrada de poetas.

Seja qual for a entrada escolhida, todas muito feínhas, valha a verdade, é, como nos versos do Tê cantados pelo Rui Veloso, "sempre um regresso a casa". Com o passar dos anos, vou tropeçando nos meus próprios passos e esta inquietação mental transporta-me à revisão de todo o meu processo. Sou uma espécie de Camarate que nunca acaba, que não se decide, que sempre levanta dúvidas até que...

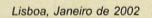
Neste debulhar, metade conformado e outra metade revoltado, pela incapacidade de me impor, aconteço às portas de Espinho, autoestrada abandonada na Feira, Riomeão, Cortegaça, Esmoriz ignorados e eis-me a caminho da comprida Dezanove que

já não acaba na feira mas que vai crescendo até onde eu quiser. De cima da estrada adivinho sem esforço o glorioso mar e tenho a sensação que ele também gosta de me ver, citadino, sulista vergado enfim ao poder sedutor daquele manto de água salgada abarrotado de segredos, cemitério de ilusões, estrada de poetas. Caminho para ele como um filho voa para o colo paterno e a minha sofreguidão é tanta que chego a ignorar semáforos, peões indefesos, polícias atentos e os inevitáveis palavrões de cidadãos ofendidos. Corro para a esplanada atraido por aquele potente cheiro da nossa maresia que nenhuma Ericeira consegue, salto do carro e, pelas narinas, reentra-me a infância.

da Piscina, extenso protector da fúria do mar, e regalo-me até ao infinito da minha miopia naquela cor sempre diferente, sempre encantadora, sempre tão próxima de mim. Rebolo-me nas ondas carregadas de espuma branca. Mergulho na doçura fria das águas azuladas e deixo-me repousar nos rochedos que fizeram a minha adolescência. Os primeiros amores permanecem agarrados às rochas, os primeiros poemas ainda sabem a sal, os desenganos precoces trazem restos da nortada que sopra da Praia Azul. É para lá que vou.

N o fim da Piscina acabaram aqueles violentos degraus que davam acesso à mais nobre das nossas praias e, por isso, azul. As barracas alinhadas a grande distância do mar acolhem turistas de outras posses, bem nascidos, gente fina. Um campo de vólei transmite alguma diferenciação ao local e até as meninas da Praia Azul são diferentes. Não existem merendas. Aqui são lanches. Ninguém come pão com chouriço mas sim com fiambre e os homens dos barquilhos e da bolacha americana não são bem sucedidos neste mercado sofisticado. As cadeiras de praia de lona e só algumas de madeira, mas azuis. A Praia Azul, mau grado a sua indisfarçável marca de classe, faz fronteira com a impertinente zona do Rio Largo onde os "bóias frias" fazem da nudez um estilo criado pela necessidade. Logo a seguir, a Praia da Seca com as suas lindíssimas rochas da maré vazia, a clientela tradicionalmente tímida, as dunas claramente aconchegadoras e cúmplices. Quem não percorreu aquele à-beira-mar a pé, lendo no horizonte sonetos de Florbela Espança, atirando conchas à maré e sonhando com nortadas de ventura? Era o tempo das excursões dominicais às rochas, com barraca, farnel e uma vontade absoluta de gozar o tempo todo.

Quando volto os olhos para Espinho encontro, nítida e imponente, a Igreja Matriz que se destaca categoricamente de todas as construções e define o poderio que a fé ainda dispõe. Para Norte, já muito próxima, a "Tia Granja", senhora de farta linhagem mas financeiramente esgotada por muitas noitadas nobres e desvairadas. Um comboio apita na distância e a fumarada esvoaça irregular e cinzenta. O céu tinge-se de nuvens brancas e o domingo avança com a lentidão suave dos dias de Verão. Quantos anos tenho? •





VICTOR HUGO PINHO

Surto de gripe e de estádios

1 Bastou um surto de gripe para con firmar as fragilidades do nosso sistema de saúde. Centros de Saúde a abarrotar de gente de todas as idades. Hospitais sem capacidade de escoamento para os doentes que não são atendidos nos Centros de Saúde da área da sua residência.

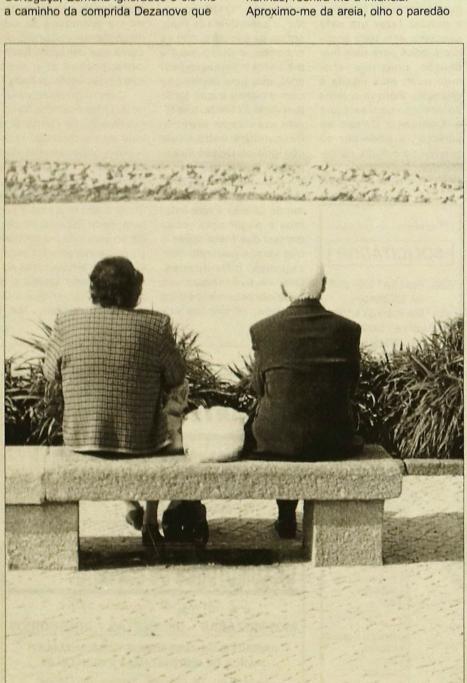
Todos nós temos alguém na família que terá sido obrigado a recorrer ao médico, nesta altura do ano, por força do vírus gripal. Criaram-se linhas de atendimento, apelos para que as pessoas evitassem os hospitais. Mas, como dizem os anúncios de alguns xaropes e pastilhas, "em caso de persistência dos sintomas, consulte o seu médico...". É disso mesmo que se trata. A persistência da tosse e do malestar obriga a ir ao médico. Como o sistema de atendimento do médico de família (quando ele está ao serviço) é o mesmo do funcionário da Repartição de Finanças, isto é, não funciona 24 sobre 24 horas, como devia ser, as pessoas não têm outra solução que não seja o hospital.

Esta situação caótica verificada nas unidades de saúde poderia, em parte, ser evitada. Bastava haver um sistema planeado de prevenção e triagem oportunamente montado para fazer frente a um surto gripal que as autoridades sanitárias devem prever que aconteça nesta altura do ano.

2A procissão ainda vai no adro e aí estão as peripécias do Euro/2004, esse desígnio nacional, num país incapaz de fazer frente a um surto de gripe. Ainda que no meio da polémica haja argumentos eleitoralistas, a verdade é que o processo não é de todo claro.

Ainda ninguém nos conseguiu convencer da necessidade de tantos estádios, todos no litoral do país, com milhões de contos envolvidos em clubes, SADs, autarquias e empresas e empreiteiros, que gravitam na esfera do poder local.

Promessas feitas por baixo da mesa, contratos sem registo, permutas e volumes de construção sem regras e critérios claros. Afinal, quem paga, o quê e como? Será que ainda vamos a tempo de arrepiar caminho? Se o futebol é cada vez mais uma indústria de espectáculo, de televisão, com a participação de grandes investidores privados nas SADs, então não faz sentido que seja o dinheiro dos contribuintes a suportar investimentos cujo retorno vai beneficiar interesses privados subjacentes ao mundo do futebol. Um mundo cada vez menos claro aos olhos de quem acompanha com atenção e distanciamento este negócio. .



LIVRO DE BORDO

"HISTÓRIA D€ UMA GAIVOTA € DO GATO QUE A ENSINOU A VOAR"

LUÍS SPÚLVEDA

TRADUÇÃO: PEDRO TAMEN EDIÇÕES ASA, 5.º EDIÇÃO, PORTO, 1988

"Esta é a história de Zorbas, um gato grande, preto e gordo." Partindo da fórmula antropomórfica das fábulas, Sepúlveda dá uma nova dimensão a este estilo, construindo um romance reflectivo da condição do homem enquanto ser social, sobre a tolerância e, sobretudo, sobre a amizade, amizade entre um gato e uma gaivota.

Este não é um livro sobre animais, como é próprio da natureza das fábulas. Esta é uma metáfora criada com base numa realidade em que os animais falam e têm personalidade própria. O autor consegue criar um universo cativante não só para quem nutra alguma simpatia por gatos, telhados ou cidades costeiras com portos navais e muitas gaivotas, é um livro que nos



faz gostar desse mundo. Esta é uma obra das pequenas coisas, dos pormenores da vida e dos sentimentos e relações interpessoais. Também não é, definitivamente, um livro para crianças, mas tem, seguramente, uma realidade narrativa que pode ser apreciada e compreendida por um público infantil. É um livro próprio para leitores que apreciem históri-

as de uma simplicidade cativante, escrito num tom poético, mas não fantasista, construído com a graça de uma fábula e força de uma parábola, contendo um sentido de humor subtil, eficaz e inteligente.

Esta pequena fábula conta a história do forte laço que se estabelece entre duas pessoas completamente diferentes, e sobre a amizade que entre elas se gera: um gato e uma gaivota.

Esta é a história de Zorbas, o tal gato grande, preto e gordo, cujo sono vespertino é um dia interrompido pela queda de uma gaivota moribunda, sufocada depois de ter mergulhado numa maré de crude, que o faz prometer que irá criar a cria que sairá do ovo que transporta e a ensinará a voar. Zorbas aceita tomar conta do ovo.

Seguem-se as peripécias de um gato solteirão, bon vivant, muito na sua onda, que vai tentar descobrir como se choca um ovo de gaivota, principalmente sem que os seus companheiros felinos se apercebam e façam disso motivo de chacota.

A gaivotinha nasce e Zorbas dá-lhe o nome de Ditosa - escusado será dizer que esta identifica o gato bonacheirão como a sua progenitora.

Zorbas, como naturalmente seria de esperar, não faz a mínima ideia de como se voa, nem tão pouco como se pode ensinar alguém. Esta tarefa inaudita de Zorbas contará com o auxílio dos seus companheiros de ruas e vielas de uma Amesterdão nostálgica e secreta, os gatos Secretário - um gato romano muito magro e apenas com dois pêlos de bigode, um de cada lado do nariz -. Sabetudo - o gato que vivia num bazar onde se encontrava de tudo o que caiba na imaginação, e que gosta de consultar e enciclopédia -, Barlavento - o gato marinheiro, viajou pelos setemares como um velho lobo do mar - e Colonello - um gato de idade indefinível, que possui um curioso talento para aconselhar os que se encontrarem em dificuldades e, embora nunca solucionasse qualquer conflito, os seus conselhos pelo menos reconfortavam, por ser velho e talentoso, era uma autoridade de todo o tamanho entre os gatos do porto.

É desta premissa centrada na invulgar relação de um gato que tem de ensinar uma gaivota a voar que Sepúlveda parte, para nos proporcionar um bom momento de leitura, para ficar com vontade de percorrer telhados e viver uma pachorrenta vida de gato... • C.L.G.

opinião

Reforma Curricular - Ensino Básico

stá em curso mais uma reforma no sistema de ensino. Para já em aplicação no primeiro e segundo ciclos do ensino básico, para o próximo ano lectivo entra em vigor no sétimo e décimo anos de escolaridade.

Começa a notar-se uma certa perplexidade e cansaço por parte da opinião pública, pais, alunos, professores... tanta reforma, tanta mudança,
para quê? Continuamos a ser dos últimos em termos de resultados dos
nossos alunos quando comparados
com os dos outros países desenvolvidos, quatro quintos da nossa população continua a não ter sequer a escolaridade obrigatória e, entre a população activa, só um quinto tem o ensino
secundário completo ou formação superior.

Mas, vejamos, a intenção deve ser boa. Quais são as diferenças mais significativas introduzidas por esta reforma?

No ensino básico, segundo e ter-ceiro ciclos, as aulas passam a ser dadas em blocos de noventa minutos; a carga horária semanal dos alunos é reduzida para um máximo global de vinte e cinco horas e meia no segundo ciclo e vinte e sete horas no terceiro ciclo; são introduzidas três novas disciplinas, ou melhor, uma área curricular não disciplinar, constituída por: área de projecto, estudo acompanhado e formação cívica, que, no seu conjunto, ocupa três horas e quarenta e cinco minutos por semana; o estudo de duas línguas estrangeiras durante a escolaridade básica passa, de novo, a ser obrigatório; a educação tecnológica também é obrigatória.

Ora bem, começa aqui a notar-se algo de estranho: não há mudanças significativas, para já, nos conteúdos programáticos das disciplinas, no entanto o número de horas semanais reduz-se de trinta e uma, por exemplo, no sétimo ano sem educação tecnológica, para vinte e três horas e quinze minutos incluindo educação tecnológica. Bom, há que acrescentar as três horas e quarenta e cinco minutos da área curricular não disciplinar, que deverão compensar aquela redução de horas através do trabalho inter e transdisciplinar. Veremos.

Outra orientação importante nesta reforma é a definição de um conjunto de competências gerais e de competências essenciais para cada disciplina, que deverão enformar o perfil do aluno à saída do terceiro ciclo do ensino básico, ou seja, na conclusão da escolaridade obrigatória. Ora estas competências são enunciadas em termos bastante vagos como, por exemplo, "...à saída da educação básica o aluno deverá ser capaz de:

 mobilizar saberes culturais, científicos e tecnológicos para compreender a realidade e para abordar situações e problemas do quotidiano"; ou:

 - "usar línguas estrangeiras para comunicar adequadamente em situações do quotidiano e para apropriação de informação".

Está bom de ver que comunicar adequadamente em situações do quotidiano pode ir desde dar os bons dias até explicar como se faz uma açorda de marisco.

Nota-se aqui outra intenção que subjaz a esta reforma, cada professor, na sua disciplina, segundo os alunos que tem e a escola em que está, deverá adaptar estas competências a diferentes níveis de concretização ou operacionalização, como está na moda dizer. É bem patente, na filosofia desta reforma, que o curriculo não pode nem deve ser dado da mesma maneira em todas as escolas e a todos os alunos. Verifica-se a intenção, por parte do legislador, de dar uma maior autonomia a cada escola para a definição dos perfis de saida dos seus alunos: cada escola deverá elaborar o seu Projecto Curricular de Escola e, de acordo com este, cada turma terá o seu Projecto Curricular de Turma. Nota-se também a tónica posta no ensino centrado no aluno e no uso de estratégias diferenciadas de ensino e aprendizagem.

Estão ainda enunciados nos decretos que regulamentam a reforma alguns princípios que deverão estar presentes ao longo de todo o ensino básico e que são a valorização da língua portuguesa, a educação para a cidadania, a valorização da dimensão humana do trabalho e ainda a utilização das tecnologias de informação e comunicação.

A questão que se põe é a seguinte: vai esta reforma contribuir para que daqui a alguns anos tenhamos jovens mais bem formados, instruídos e competentes?

Faltou abordar a reforma no ensino secundário, que ficará para outra oportunidade. Muito mais haveria a tratar em relação a este assunto, e, já agora, caro leitor, por que não escrever para o "Maré Viva" dizendo de sua justiça? • A. SALVADOR ALMEIDA

"Está bom de ver que comunicar adequadamente [em língua estrangeira] em situações do quotidiano pode ir desde dar os bons dias até explicar como se faz uma açorda de marisco."

Postais da mossa terra

Não consta que, em Espinho, tenha nascido um jardim botânico. Ou, ainda, um novo ajardinado citadino. O que se vê na foto, na Rua 19, à direita de quem sobe - e aquela artéria é uma das portas de entrada e saída de uma cidade onde dá gosto viver - é uma considerável extensão de terreno coberto por densa e vasta vegetação, nascida e crescida ao Deus dará.

Note-se: espaço entre prédios de habitação e comércio, local utilizado para despejos impróprios de lixos, portanto ali proliferarão ratos e outra bicharada nociva, sem esquecer o perigo de moscas,



mosquitos e outros insectos, em qualquer circunstância nocivos para a saúde dos cidadãos.

De resto, quando por acção do soalheiro tempo quente aquela vegetação secar, passa a existir ali um foco de incêndio.Como é possível existir ali, há tanto tempo, aquilo, afinal na principal artéria da cidade? Mas, na mesma artéria, entre a Rua 32 e Anta, há outras situações idênticas. Qualidade de vida?

Espinhense concorre ao Festival de Cinema de Berlim com documentário sobre o 'Vouguinha'

Pouca terra até à Alemanha

Manuel Costa e Silva podia ser um nome igual a tantos outros. Realizador de cinema, natural de Espinho, vai estar presente na edição deste ano do Festival de Cinema de Berlim, um dos mais importantes certames do género a nível internacional. O "MV" conversou com este jovem realizador, que nos falou sobre a sua carreira, sobre "Um Tempo Reencontrado" (o seu último trabalho) e revelou as suas ambições para o futuro.

atural de Espinho, Manuel Costa e Silva é um jovem realizador de cinema que, desde muito cedo, soube o que queria. A sua paixão pelo cinema começou quando tinha apenas 6 anos de idade. Nessa altura, deslocouse com o pai a V.N. de Gaia, a um cine-teatro, que actualmente já não existe, para ver uma matiné.

A maneira como se expressa mostra-nos que é uma pessoa bastante convicta, que quer mostrar a sua visão das coisas; sabe do que está a falar e, um dia, pretende atingir "a fama". Quem sabe, até, chegar bem longe, como o realizador Manuel de Oliveira.

A VIDA

Sem complexos, humilde e ambicioso, fala-nos do seu percurso ascendente: "Sou professor do ensino superior ligado ao cinema e audiovisuais. Fiz um curso de cinema, numa escola de cinema do Porto e, no final, fui convidado para ficar lá como docente, onde continuo até hoje. Mas complemento essa minha actividade do ensino com algum trabalho de realização. Aliás, fiz o curso de cinema para ser realizador. Assim, tento conciliar todas estas actividades: o ensino, a investigação ligada à área do cinema e dos audiovisuais, complementado com algum trabalho de realização, porque eu escrevo os do sobre se tem tempo para conciliar todas estas actividades, Manuel Costa e Silva é bem explícito: "Eu gostava de ter menos tempo a dar aulas, porque eu, no Instituto Piaget, em Gaia, dou técnicas audiovisuais, no Porto, na escola de cinema, trabalho essencialmente na escrita de argumentos e estruturas narrativas, o que me ocupa bastante; queria era ter mais tempo para poder filmar, mas acontece que para filmar é necessário ter dinheiro e nem sempre se consegue ter os subsídios e, quando os conseguimos, são muito curtos, dando para fazer filmes mas sem ganhar dinheiro, isto é, a minha subsistência e da minha família vem do ensino, enquanto a actividade de realização me dá prazer e é isso que eu quero fazer". Além disso, adianta, escrever argumentos e realizar "é uma forma de eu me exprimir e dar a minha visão do mundo e das coisas. Mas, até agora, sem obter qualquer lucro com isso, o dinheiro que eu consigo dá para as despesas".

O ORGULHO

alizador. Assim, tento conciliar todas estas actividades: o ensino, a investigação ligada à área do cinema e dos audiovisuais, complementado com algum trabalho de realização, porque eu escrevo os argumentos e realizo os meus filmes". Questiona-



Manuel Costa e Silva realizou "Um Tempo Reencontrado"

importante para qualquer pessoa, é um incentivo para eu continuar a trabalhar e fazer coisas eventualmente com outra dimensão. Para além disso, é a possibilidade de outras pessoas, de outros países, verem os meus trabalhos; por isso, é um momento muito importante para mim, para Espinho e para Portugal".

Realizador há cerca de 10 anos, Manuel Costa e Silva falou-nos sobre o filme nomeado para o festival de Berlim. "Um Tempo Reencontrado" é o título do documentário que será sujeito à avaliação do júri. É um trabalho que tem a duração de 37 minutos e que nos fala sobre a Linha do Vale do Vouga, que ligava Espinho a Sernada e a Viseu, como era no início dos tempos e como está actualmente. O documentário demorou cerca de dois anos a fazer, isto é, desde pensar o projecto até à sua execução final. A equipa de rodagem foi composta por sete pessoas.

Sobre o documentário, o realizador acrescenta ainda: "A linha do Vouga foi inaugurada no século passado por D. Manuel, e ligava Espinho a Sernada, e depois havia uma outra linha de Sernada para Aveiro e Viseu. Mantém-

-se entre Espinho- Sernada e Aveiro, mas de Sernada para Viseu foi desactivada, porque diziam que não era rentável e também porque havia muitos incêndios ao longo da linha. Depois do 25 de abril, foi reaberta, mas na década de 80 acabou. Assim, com este documentário, pretendo mostrar as diferenças evidentes que existem na linha do Vouga, isto é outrora, uma linha que era muito importante e actualmente o deixou de ser, com estações deixadas ao abandono, composições do comboio sem conforto nenhum, mas que, apesar de tudo, continuam a ser o único meio de transporte para algumas pessoas. Para complemento, temos os testemunhos das pessoas, de quem já viveu de perto esta realidade, e de quem continua a depender da mesma, apesar de os tempos serem outros. Pretendo remeter para um tempo histórico que as pessoas já não conhecem, daí o tempo reencontrado. A pouca importância dada pela CP e a ameaça que paira sobre o possível encerramento da linha são outras das questões que podemos ver abordadas neste documentário".

A CARREIRA

Para além deste documentário, Manuel Costa e Silva realizou já outros trabalhos: um documentário ficcionado sobre o mosteiro de Grijó e um filme de ficção que se chama "O regresso do homem que não gostava de sair de casa". Este filme esteve na edição

de 1996 do Fantasporto. Em 1998, realizou o filme "Primeira vez", que esteve também no festival portuense. Na opinião do realizador, de todos os trabalhos que já fez este é, sem sombra de dúvidas, o melhor. Quanto ao futuro, já há vários projectos em vista. Assim, brevemente espera realizar uma longa-metragem de ficção, que se chamará "O homem que matou Amália Rodrigues" e um filme de divulgação científica.

OS CONSELHOS

Para finalizar, deixou alguns conselhos para quem pensa seguir um dia a carreira de realizador cinematográfico: "Se têm vontade de fazer cinema, têm de encontrar uma forma de obter informação nessa área. Procurem estudar na área do cinema para obter conhecimentos que lhes permitam intervir nessa área, sobretudo saber o que é o cinema, como é que se faz cinema, perceber a linguagem, e, depois disso, é preciso gostar-se daquilo que se faz. No cinema, os trabalhos que se fizerem devem corresponder a uma visão muito particular da sociedade e tenta-se transmitir uma mensagem".

Uma realidade ficou bem vincada ao longo desta conversa: fazer cinema em Portugal fica muito caro, muitas das vezes o dinheiro apenas chega para as despesas. Mas todos os sonhos são permitidos, e por vezes é necessário investir do próprio bolso. Como em qualquer área, tudo é possível até um certo ponto. **E.S.**





Medicamentos genéricos

Uma lenta introdução

O desenvolvimento do mercado de medicamentos genéricos, através do estímulo à entrada no mercado e da promoção da sua prescrição e utilização, constitui umas das medidas de política na área do medicamento adoptadas pelos governos de diversos países. Segundo o Infarmed, os genéricos são medicamentos cujas substâncias activas se encontram no mercado há várias anos e que, por essa razão, apresentam maior garantia de efectividade e permitem um melhor conhecimento do respectivo perfil de segurança.

m Portugal, a qualidade farmacêutica dos medicamentos genéricos é assegurada pelo Infarmed durante o processo de aprovação e através das actividades de inspecção e controlo, encontrando-se este dotado das competências e capacidades laboratoriais necessárias. De certa forma, é assim que vai sendo feita a selecção dos medicamentos para se ser aplicado o estatuto de genérico, que são comprimidos sem marcas. No entanto, as caixas dos genéricos embora não tenham marca, referem sempre o nome do laboratório fabricante. Mas podemos perguntar-nos como funcionam estes medicamentos em relação aos preços e como eles beneficiam os utentes

A questão principal prende-se com as patentes. Há que imaginar os orçamentos exorbitantes que os laboratórios gastam em investigação, atribuindo posteriormente um preço e, depois, o Estado vem reduzilo e vendê-lo sem marca. O facto é que a patente perde validade passados vinte anos, e só aí pode sair para o mercado o genérico. Sobre isto, o Infarmed diz que, "pelo facto de as respectivas substâncias activas terem deixado de estar protegidas por patentes, os medicamentos genéricos podem apresentar preços significativamente mais baixos, representando uma vantagem económica considerável para os utilizadores".

BAIXOS VALORES DE QUOTA

sistido a uma fortíssima

Actualmente temos as-

campanha por parte do Ministério da Saúde para promover os genéricos. A aposta na reestruturação geral do mercado de medicamentos é muito grande. Ao contrário do que se possa pensar, os medicamentos sem marca já existiam antes destas campanhas. O Infarmed informa que a produção e introdução no mercado de medicamentos genéricos está autorizada em Portugal desde 1990, pelo Decreto-Lei 81/90 de 12 de Marco. No entanto, e como se pode comprovar, apesar de algumas medidas legislativas tendentes à implementação do seu uso, a quota de mercado destes medicamentos é ainda baixa, ao contrário do que se passa nos Estados Unidos e em outros países europeus. Com efeito, em alguns destes países, as quotas de mercado atingem valores elevados: 39% na Alemanha, 38% na Dinamarca, 32% na Finlândia e 22% no Reino Unido. Em relação a estes valores, quando comparados com o que se passa no nosso país, torna-se necessário falar de temas mais melindrosos como os chamados prémios oferecidos pelos laboratórios médicos. Além disso, e

pelo que nos disse um médico, o pouco uso do genéricos em solo português prende-se também com o hábito de receitar alguns remédios já habituais. Os médicos, e como será de entender, preferem normalmente receitar uma marca de medicamento que conhecem bem.

Sobre este assunto, o Infarmed apresenta as seguintes razões: ausência de protecção de patentes até 1995, hábitos de prescrição por nome comercial, dúvidas quanto à qualidade dos genéricos e ausência de informação por parte dos prescritores e do público em geral. Alguns médicos queixam-se que não podem prescrever genéricos porque ainda não têm a listagem dos existentes no mercado nacional. Para suprir essa falha, o Instituto das Farmácias lançou a discriminação dos genéricos disponíveis em alguns jornais nacionais, entre eles o "Público"

GARANTIA DE QUALIDADE

A definição de genérico tem de preencher alguns requisitos: serem essencialmente similares com um medicamento de referência; tenham caducado os direitos de propriedade industri-

al relativos às respectivas substâncias activas ou processo de fabrico; não invoquem a seu favor indicações terapêuticas diferentes do medicamento de referência já autorizado. Os medicamentos genéricos podem ser identificados pela descrição das substâncias activas, seguida do nome do titular da autorização de introdução no mercado, da dosagem e da forma farmacêutica e da sigla "MG" (Medicamento Genérico) inserida na embalagem exterior do medicamento

Quanto à venda dos medicamentos nas farmácias, o farmacêutico tem obrigatoriamente de dispensar aquele que foi indicado pelo médico, não podendo exercer o direito de substituição. Com isto, no caso do médico receitar um medicamento de marca, no local da venda não pode pedir que o farmacêutico lhe venda o genérico equivalente ou correspondente.

Como qualquer novidade, também neste caso surgem casos de desconfiança sobre o produto, sobre a sua fiabilidade e eficácia no combate à doença ou problema. Sobre este questão, o Infarmed garante que a autorização de introdução de medicamentos genéricos segue "estritamente as regras estabelecidas para os restantes medicamentos no que respeita, designadamente, à necessidade de demonstração de qualidade, eficácia e segurança".

Mas a razão principal pela qual os genéricos foram criados é unicamente o benefício de um preço substancialmente mais baixo. Assim sendo, beneficiam os utentes e o SNS (Serviço Nacional de Saúde), que, segundo o Ministério

da Saúde, ficam com um maior fundo de maneio para outros projectos, que irão desenvolver a saúde em Portugal. A legislação vigente sobre os preços está referida na Portaria 577/2001 de 7 de Junho e estabelece que estes deverão ser "inferiores, no mínimo, em 35%, ao preço de venda ao público do medicamento de referência, com igual dosagem e na mesma forma farmacêutica". Para além disso, o Decreto-Lei de 1 de Setembro de 2000, prevê a comparticipação do Estado em 10% nos medicamentos genéricos. Deste modo, a comparticipação de acordo com os escalões é de 100% no A, 80% no B, 50% no C e 30% no D. No caso do regime especial para pensionistas que aufiram pensões inferiores ao salário mínimo nacional, acresce um adicional de 15% para os escalões B, C e D.

TOTAL LIBERDADE DE PRESCRIÇÃO

De interesse geral é também a opinião da Ordem dos Médicos sobre a questão. Um dos artigos do código deontológico refere a total independência dos médicos para a prescrição de medicamentos, sem que haja a interferência de outras pessoas. Recusam-se a aceitar a interferência externa que lhes limite a liberdade de fazer juízos clínicos e éticos.

Outro artigo, mas do Serviço Nacional de Saúde, refere que a liberdade de escolha nos diagnóstico e tratamento não pode ser limitada por disposição estatuária ou por contrato. Portanto, entidades como os laboratórios ou os próprios delegados de propagan-

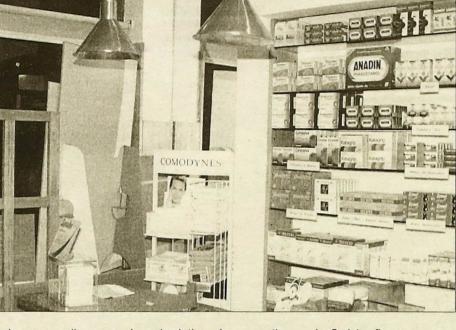
da médica não poderão interferir. Claro que a realidade não é bem assim, embora o princípio esteja correcto. Com isto, os médicos reservam-se a liberdade de receitarem tanto um medicamento de marca como genérico. Têm de ter total espaço de decisão.

Germano de Sousa, Bastonário da Ordem dos Médicos, afirmou que os medicamento genéricos aprovados em Portugal têm a sua qualidade garantida pelo Instituto da Farmácia e do Medicamento e que não existe, felizmente, nenhuma legislação que obrigue os médicos a prescreverem genéricos. Para além da liberdade de prescrição, a legislação em relação à eventual substituição feita na farmácia também está bem estabelecida. Assim, a Ordem reconhece as vantagens dos medicamentos genéricos e que é um dever da classe médica a prescrição destes.

Na prática da vida quotidiana, segundo nos disse a dr.ª Maria Teresa Pedrosa, directora técnica de uma farmácia espinhense, os medicamentos genéricos já começam a ser bastante vendidos. Os seus compradores são especialmente as pessoas mais idosas, "visto que são pessoas com menos possibilidades económicas". Na sua opinião, a campanha para estes medicamentos foi feita ao contrário, "pois está a ser feita para os utentes. São eles que procuram os genéricos junto do médico ou da farmácia"

Constatou na farmácia em que trabalha que a procura é muito maior e que, para além disso, as pessoas pedem opinião sobre os medicamentos sem marca. Sublinhou que o que as pessoas realmente querem é o mesmo medicamento mas que tenha um preço mais baixo. Por isso, "nós temos a obrigação e explicamos às pessoas que perguntam o que é um genérico".

A dr.ª Teresa Pedrosa confirmou que realmente os médicos não têm a listagem dos medicamentos e, por diversas vezes, lhes perguntaram como poderiam arranjar um exemplar. Há, portanto, bastantes falhas nesta introdução de medicamentos no mercado, que precisam de ser supridas com urgência para que a campanha tenha resultado. Afinal, os beneficiários somos todos nós. # M.B.



JOSÉ DOMINGUES PEREIRA

Técnico de Contas

ESCRITÓRIO Rua 15 n.º 450 Telef. 227310361 4500 ESPINHO

ELVIRA SILVA

ESPECIALISTA DE DERMATOLOGIA E VENEREOLOGIA (DOENÇAS DA PELE)

CONSULTÓRIO: Rua 11 n.º 746 - Telef. 227343467

Maré-Rua

Como é que vai comemorar o Dia dos Namorados?

ANDREIA BRANDÃO 23 anos, estudante

No Dia dos Namorados, eu e o meu namorado vamos sempre jantar fora e é tradicional a troca de prendas. Mas não passa muito disso, porque o dia a seguir é dia de trabalho e não dá para nos divertirmos como desejamos. .

FRANCISCO COELHO 28 anos, empregado de mesa

O Dia dos Namorados é quase como um dia normal, porque ela trabalha, eu trabalho e temos muito pouco tempo para estarmos juntos. Mas há sempre uma troca de prendas e de beijinhos. E, depois, no dia da minha folga, logo se vê o que se pode fazer para comemorar. .

MARIA JOSÉ ALVES 43 anos, doméstica

Há já uns anos que o meu marido me leva ao Casino de Espinho, onde se passa uma noite muito agradável e muito divertida também. Para além disso, oferece--me sempre rosas e uma outra prenda. .

RICARDO GOMES 19 anos, estudante

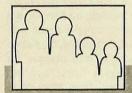
É um dia completamente normal e igualzinho a todos os outros pelo simples facto de não ter namorada nem ansiar tê-la, pelo menos para já. Mas, se tivesse, é claro que la comemorar este dia da forma mais romântica possível, a começar com um jantar à luz das velas.

CARLA PEREIRA 33 anos, advogada

Para começar, tenho que pedir aos meus pais ou aos meus sogros para ficarem com a minha filha, porque este é um dia para comemorar a dois e para relembrar velhos tempos. Depois, o que se segue é um bom jantar e uma dança român-

ARTUR DIAS 46 anos, comerciante

Eu não comemoro o Dia dos Namorados, nem nunca comemorei. Aliás, comemorei quando namorava com a minha esposa, mas isso eram outros tempos. Agora já somos velhos demais para essas coisas, isso é para os jovens. .



ARTES & OFÍCIOS

PEDRO MOZES, motorista de pesados

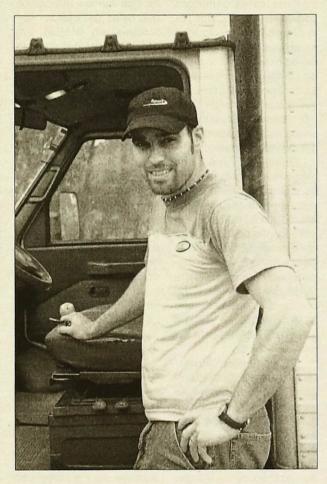
"Todos os dias acordo com algo de novo para fazer..."

Na rubrica "Artes & Oficios" desta semana, o "MV" decidiu destacar a profissão de motorista. Pedro Miguel Batista Mozes foi a pessoa escolhida para nos falar desta sua experiência de mais de cinco anos a conduzir camiões e carrinhas fazendo entregas.

"Tudo começou com um convite do meu irmão para ir trabalhar para a mesma empresa onde ele trabalhava", explica o nosso entrevistado. Na altura, Pedro Mozes trabalhava como electricista, mas, como surgiu esta oportunidade numa empresa de colchões, o seu irmão resolveu avisá-lo, pois sabia do seu gosto e à-vontade na condução. Pedro decidiu aceitar.

Agora, que já passaram mais de cinco anos, afirma que tomou a decisão correcta. Isto porque sente-se bastante realizado com aquilo que faz e comprova--o fazendo um balanço muito positivo do seu desempenho ao longo deste tempo. Escusado será dizer que. desta feita, poucas são as desvantagens por ele apontadas relativamente ao facto de ser motorista. No entanto, refere que o cansaço inerente às viagens longas que faz por todo o país é uma constante e, por outro lado, agora que constituiu família, acrescenta que tal facto, às vezes, torna-se complicado, pois isso significa que tem que ficar longe dos que lhe são próximos.

Todavia, viajar por todo o pais, conhecer imensas



impede-o de sentir algo que nunca quis, ou seja, a monotonia de estar sempre fechado no mesmo sítio a fazer a mesma coisa: "Todos os dias acordo com algo de novo para fazer e visitar e isso é muito moti-

E, quanto a novos desafios, como por exemplo alargar as viagens ao estrangeiro, Pedro não põe a questão de parte, desde que o desafio compense, dado que tem a certeza que terá

pessoas e muitos lugares o apoio de todos, aliás um facto que faz questão de

E existirão situações caricatas relativamente a esta profissão? "Claro que sim", afirma Pedro Mozes. Desde caminhos que parecem não existir, pessoas que dão indicações trocadas, problemas com o camião, muitas coisas podem acontecer... "Mas a encomenda não pode falhar e tem que chegar ao seu destino a tempo e horas!", clarifica o motorista. . M.S.



O 'MARÉ VIVA' HÁ 20 ANOS

Fuga à escolaridade obrigatória, iornais escolares o ostradas caras para a Câmara

O "MV" de há duas décadas estava marcadamente voltado para a grande reportagem dedicada à educação. Uma das muitas conclusões a que se chegou sobre a realidade do ensino de 1982 foi que: "De cada 100 alunos que no concelho de Espinho concluem o ensino primário 10 não seguem para o ciclo, não concluindo seguer o período de escolaridade obrigatória. Este lamentável e gravissimo dado, já apercebido por aqueles que mais atentos se mostram à nossa realidade escolar, acaba de ser oficialmente confirmado pela Direcção do Distrito Escolar de Aveiro, após estudo a que se procedeu. Entre os factores que estarão na origem deste atentado autêntico aos direitos das nossas crianças contamse a falta de transportes, de escolas e de um controlo mais intenso das fugas à escolaridade obrigatória. Um outro factor será por certo a necessidade que muitas famílias têm de pôr os filhos desde cedo a ganhar algum. E se em Espinho, cidade do litoral, as coisas estão assim, como será por essas terras do interior?"

Numa altura em que o jornal escolar "O Pirata da Imprensa" renasce após dois anos de interregno, eis que, também, há 20 anos atrás, se davam novas sobre a criação da publicação. Para além disso, também se fazia uma referência ao jornal da Escola Secundária Dr. Manuel Gomes de Almeida: "No decorrer do Dia Cultural da Escola Manuel Laranjeira, foi posto à venda mais um número, o quarto, do jornal 'O Pirata da Imprensa', feito pelos alunos e professores cisa de trabalhar mais na vida!". = R.V.S.

daquela escola. Abordando temas variados, que vão desde a problemática dos deficientes até à discussão da importância do jornalismo entre nós, o 'Pirata da Imprensa' representa um esforço assinalável de um grande número de jovens que tentam ir mais além no seu quotidiano de estudantes. Um senão, aliás apontado por muitos e reconhecido pelos próprios: o jornal peca por falta de tratamento de temas ligados à escola onde surge e do meio onde se integra. Mas também na outra escola secundária da cidade, a Secundária de Espinho, acaba de surgir um jornal de alunos, neste caso da responsabilidade da associação de trabalhadores-estudantes. Trata-se de 'O Canudo'. (...)"

Por fim, na última página da antiga, edição do "MV" era narrado um pequeno, e curioso, apontamento: "Um munícipe acaba de se dirigir à Câmara de Espinho solicitando-lhe o pagamento de danos causados na sua viatura particular por causa do mau estado de uma estrada da cidade. Surpreendida por esta exigência, a autarquia espinhense pediu um parecer sobre o caso ao seu advogado, que se aguarda com alguma expectativa, pelo que poderia significar de corrida aos cofres municipais caso a solicitação fosse satisfeita. É que, como alguém dizia com piada, se a moda pega não haverá dinheiro que chegue. Quem faça uma viagem de Lisboa a Bragança e contabilize um conto de reis por cada buraco na estrada não pre-

"Pássaros. Peixes & C.a"

RUA 25 N.º 437 - ESPINHO

- SOMOS UM ESPAÇO DIFERENTE, COM:

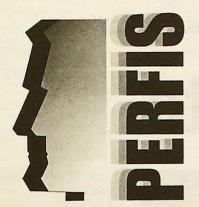
peixes - plantas - pássaros - cães gatos - répteis - roedores VENHA VISITAR-NOS E CONHECER-NOS.

TEMOS UMA SURPRESA PARA SII

JUSTINO GODINHO

LABORATÓRIO DE PRÓTESE DENTÁRIA

Rua 25 n.º 253 - Tel. 227340475 4500 ESPINHO



RUI LACERDA MACHADO - Arquitecto - 47 anos

"Gosto da memória de Espinho"

"Filho de peixe...", diz o ditado que mais um vez se confirma. Rui Lacerda Machado, arquitecto, filho do precocemente falecido Eduardo Lacerda Machado, também ele "oficial do mesmo ofício", tinha, digamos, o destino traçado. "Intenção, intuição e educação" é como ele próprio nos justifica a sua profissão. Fez o curso na ESBAP (Escola Superior de Belas Artes do Porto), tendo antes frequentado a Escola da Tourada, no ensino primário. O curso liceal dividiu-o pelo Colégio de S. Luís, Liceu de Gaia, Liceu de Espinho e Colégio de N.º Sr.º da Conceição. Muito virado para o desporto, praticou hóquei em patins e ginástica na AAE e ainda hipismo na GNR, no Porto. É fundador do Clube de Ténis de Espinho e do Clube Automóvel.

Socialmente, foi Mesário da Santa Casa da Misericórdia e faz parte do Conselho Fiscal da Liga de Amigos do Hospital e do Conselho Geral da AAE. Como obras de referência que sairam ou estão a sair da sua prancha de trabalho conta-se o projecto do futuro Estádio Municipal e do novo edifício da Academia de Música de Espinho, estando, actualmente, a trabalhar no projecto da nova Biblioteca Municipal que se situará na área envolvente do Centro Multimeios, onde hoje está localizada a Vila Manuela. Rui Lacerda Machado lecciona ainda arquitectura numa Escola de Coimbra, a ARCA.

1. Porquê arquitecto?

Por intenção, intuição e educação. Muito por influência do meu Pai, que era arquitecto, e do meu avô, muito aficionado pelo desenho. Com todos estes antecedentes, não havia outra hipótese...

2. De que gosta mais em Espinho?

Do mar! Mas também do espaço, das pessoas e do arquétipo da cidade, ou seja, a memória do que cá se viveu.

3. De que gosta menos em Espinho?

Da qualidade do espaço urbano, que não está bem cuidada, o que implica perda de identidade. Não sendo uma cidade nada feia, vai-se tornando mais feia. Há um certo desleixo na preocupação do desenho do espaço urbano.

4. Programas de televisão amados e detestados?

Detestados, tudo o que é "talk-show". Nem sequer os vejo. Gosto de programas documentais, de alguma informação, e vejo, quase sempre, o "Acontece" do Carlos Pinto Coelho.

5. O filme da sua vida?

Na adolescência, gostei muito de "Os Cavalos também se abatem"; depois, dos "Amigos de Alex" e, mais recentemente, de "A Vida é Bela".

6. O melhor livro que leu?



Academia de Música de Espinho, estando, actualmente, a trabalhar no projecto da nova Biblioteca Municipal que se situará na área envolvente do Centro Multimeios, onde hoje está localizada a Vila Manuela. Rui Lacerda Machado lecciona ainda arquitectura numa

7. Tipo de música favorita e intérprete?

Depende muito do estado de espírito... Da clássica gosto de Mozart. Da actual há gente de que gosto muito: Chris Rea, Tom Waits e os Beatles e os Rolling Stones, referências de sempre.

8. Que figura histórica gostaria de ter sido?

Nenhuma! Penso que das figuras históricas devemos apanhar referências para a nossa vida. Por isso, não individualizo ninguém.

9. Qual foi, para si, o facto mais relevante do século XX?

No plano global, o final da 2.ª Guerra Mundial. No plano interno, sem dúvida, o 25 de Abril.

10. O que pensa dos políticos?

O mesmo que penso de toda e qualquer profissão: há os bons e os maus, os competentes e os incompetentes, os oportunistas e os não oportunistas. O problema é que fazem do discurso deles o tabu da verdade e do saber. Os políticos são uma espécie de "lobby" que define os destinos de muita gente.

11. O que é, para si, uma religião? Qualquer pessoa tem a sua. É algo de

Qualquer pessoa tem a sua. E algo de sobrenatural a que as pessoas se agarram e que lhes define parâmetros de conduta de solidariedade. É, em última análise, um exclusivo de cada um.

12. Qual é, para si, a zona mais

bonita de Portugal? Porquê?

O Minho e o Alentejo. Afastadas geograficamente, mas próximas na beleza. A contenção no Minho e a grande dimensão no Alentejo.

13. Como foram as suas melhores férias?

Umas, em 1981, quando, com um casal amigo, fomos para Inglaterra numa Renault 4L. Outras, mais recentemente, no Nordeste do Brasil, vinte dias de calção e chinelo....

14. Qual o seu prato favorito?

Cozido à portuguesa e tripas à moda do Porto. Peixe, todo. Como sobremesa, pudim do Abade de Priscos.

15. E bebida?

Vinho maduro tinto, do Douro.

16. Acha que o Euro lhe vai facilitar a vida?

Vai, a mim e a todos! Internamente, é uma questão de hábito. Na Europa, é uma comodidade.

17. Gosta mais do dia ou da noite?

Gosto das 24 horas. O dia e a noite são usados conforme as circunstâncias. Gosto muito do nascer do sol, aí por volta das seis, seis e meia da manhã.

18. Como convive com o stresse? Não convivo. Só consigo viver com ele!

É a minha forma de estar. Só funciono com stresse...

19. Aponte, sinceramente, o que considera o seu maior defeito e a sua maior virtude.

Como defeito, digo que sou teimoso. Como virtude, a sinceridade. Às vezes sou mesmo crédulo demais.

20. Mudava o estilo de vida se fosse multimilionário?

Faria mais qualquer coisa do que faço,

essencialmente viajar. De resto, não mudava nada.

21. Quais são os seus hobbies?

Viajar, levando um bloco em branco, para desenho, e uma máquina fotográfica. Assim registo as coisas, aprendendo a ver e vendo para aprender.

22. Acha que há lobbies em Portugal?

Não só em Portugal como em todo o mundo. São associações de minorias que impõem o seu poder às maiorias. São destestáveis, em meu entender.

23. Acredita na igualdade dos sexos?

Não, porque isso é anti-natura. Acredito na igualdade de oportunidades para ambos.

24. Conseguiria "viver" sem telemóvel?

Agora, não, até devido à minha profissão. Para mim, o telemóvel é uma ferramenta de trabalho.

25. Onde é que estava no 25 de Abril de 1974?

Estive na ESBAP a trabalhar até perto das duas da manhã de 25 de Abril. Regressei a Espinho, mas só de manhã me apercebi do que se passava na realidade.

26. Navega na net?

Quando necessito, por questões profissionais, e não só. Mas apenas quando tenho tempo para isso.

27. Acha que os jornais em suporte de papel tendem a desaparecer?

Nem quero pôr essa hipótese! Os jornais não podem desaparecer bem como tudo quanto é escrito em papel.

28. O que acha dos fundamentalismos?

É uma palavra cujo significado não cabe no meu dicionário. São aberrações que não deveriam ter cabimento nas mentalidades das pessoas.

29. Qual é o clube do seu coração?

De coração, de base, a Académica de Espinho e o FC Porto.

30. Qual é a sua atitude em relação à morte?

Há duas: uma que já me tocou e outra que, certamente, me tocará.

A primeira por perdas físicas de pessoas que me são queridas; a segunda, que me tocará, espero que seja rápida e serena

31. Gosta de jogar?

Não. Não jogo, nem nunca joguei.

32. O que é, para si, o risco?

É uma linha que está sempre ao nosso lado. É importante para se dar um passo em frente. Mas esse salto tem de ser comedido e calculado.

33. O que queria ser em criança?

Bombeiro! Ainda hoje tenho fascínio pelos bombeiros. Aliás, faço colecção de miniaturas de carros de bombeiros... •

Rodrigo dos Santos, presidente do Sporting Clube de Espinho, em entrevista ao 'MV'

Pavilhão já tem projecto

Rodrigo dos Santos, presidente do Sp. Espinho, traçou ao "MV" um curto balanço da gestão do clube e dos resultados desportivos. Elencou objectivos para o clube a que preside, posição essa que, ao que tudo indica, em Março deixará de ser da sua responsabilidade.

aré Viva: Qual o balanço que faz em relação à gestão do clube neste período em que exerce a função de presidente?

Rodrigo dos Santos: O balanço é razoável, pode considerar-se positivo dentro das circunstâncias que é gerir um clube. Quando não há dinheiro, o caso complica-se: não havendo fundos não se poderá comprar como deve ser, é muito complicado quando assim é, o clube não factura, não tem receitas. Mas penso que, para além de ser complicado, concretizámos aquilo a que nos comprometemos através de acordos feitos com os nossos credores e fornecedores, de forma a que o programa financeiro de que dispomos fosse concretizado dentro do rigor que se impõe. É, por isso, difícil dizer que correu muito bem, mas nós pautamo-nos por um rigor financeiro e, portanto, penso que a gestão foi concretizada da melhor maneira.

MV: A nível desportivo, e concretamente nos resultados da equipa de futebol, qual é o balanço que faz até ao momento?

RS: É um balanço positivo. Sabemos que o campeonato é bastante competitivo, o Espinho, com a equipa que possui, que começou esta temporada a ser construída, está no bom caminho. A posição que ocupamos neste momento era aquela que todos estávamos à espera de ocupar. Com o orçamento que tínhamos no início da temporada não podíamos esperar que nesta altura estivéssemos a lutar para subir de di-

aré Viva: Qual o visão; por tudo isto, consibalanço que faz dero que é um balanço positivo, está dentro daquilo que esperávamos.

MV: Qual o comentário que faz em relação ao trabalho do técnico Luís Norton de Matos?

RS: Penso que está a fazer um bom trabalho. O Luís Norton de Matos assumiu connosco este projecto, sabendo de antemão que era um projecto difícil, porque sem ovos não se fazem omeletes. Temos que ter consciência que é um projecto que carece de muita coragem, e o Luís Norton de Matos teve-a, aliou-lhe o seu profissionalismo e a sua cultura desportiva e decidiu aceitar. Com tudo isto reunido, chegámos à conclusão que o Luís Norton de Matos é o treinador ideal para o Sp. Espinho, está a construir uma equipa para que na próxima temporada seiamos mais competitivos. O nosso técnico não dispõe de um plantel muito vasto, muito pelo contrário, é um plantel extremamente limitado, daí que não podemos exigir muito. Penso que está a trabalhar no projecto tal como nós pretendemos e traçámos no início da épo-

MV: Querendo o Sp. Espinho uma equipa competitiva na próxima temporada, a direcção terá que abrir os cordões á bolsa, o orçamento vai ser mais elevado?

RS: Eu não vejo as coisas dessa forma, o orçamento da próxima temporada vai ser também ele de contenção. O trabalho que estamos a desenvolver esta época é que nos dá espe-



Rodrigo dos Santos deverá deixar em Março a presidência do SCE

rança. Estamos a construir uma equipa com bons e jovens valores e é aí que temos esperança de que no próximo campeonato nos vamo destacar. Sendo assim, o orçamento não precisa de dilatar para que consigamos singrar no campe-

MV: E no voleibol? A nível de jogos internacionais, os resultados não podiam ser melhores, em relação às provas nacionais as coisas não correm assim tão bem. Que balanço faz?

RS: Entrámos numa altura em que os estados gripais e as lesões em jogadores preponderantes atingiram a nossa equipa - tudo isto junto a enfraquece. Apesar de tudo, estou confiante que não passa de um momento menos bom a que conseguiremos dar a volta para que, num curto espaço de tempo, consigamos impor-nos no panorama desportivo nacional, como já o fizemos em épocas anteriores.

MV: Qual o ponto da situação que faz em relação ao projecto do Sp. Espinho no que se refere às infraestruturas desportivas?

RS: O projecto dependeu do plano estratégico que desenvolvemos há cerca de um ano. É um projecto que já tem alguns desenvolvimentos: posso adiantar que, em relação ao pavilhão gimnodesportivo que pretendemos levar a cabo, o projecto arquitectónico já está concluído e na próxima semana vai ser apresentado ao Instituto do Desporto para que, posteriormente, se abram as candidaturas para a sua construção. Quanto ao pólo desportivo que pretendemos construir na zona desportiva da cidade, os projectos já estão na recta final da sua elaboração para que brevemente sejam apresentados à Câmara Municipal de Espinho para se tornar possível que, no início da próxima temporada, as infraestruturas comecem a nascer.

MV: A presença do dr. Jorge Sampaio em Espinho poderá funcionar como o primeiro passo para que haja apoio estatal na construção das tão desejadas infraestruturas?

RS: Penso que esta vi-

sita é o reconhecimento do prestígio que o nosso clube tem vindo a ganhar.

Esta visita deveu-se ao facto de termos conseguido um facto inigualável até ao momento para o país.

Foi uma visita importante também para que as entidades governamentais tomem conhecimento das condições que possuímos, para que possamos transmitir as nossas preocupações e se desenvolva um projecto em conjunto para que o Sp. Espinho possa ter condições dignas para as provas em que compete.

Transmitimos ao dr. Jorge Sampaio, e também ao eng.º José Lello, que necessitamos de ajuda estatal para que continuemos a prestar à sociedade tudo aquilo que até ao momento temos vindo a dar. O Sp. Espinho tem também grande responsabilidade no que toca ao contributo social, pois é o clube mais representativo do concelho. Este é um contributo que damos não só ao concelho mas sim à região.

MV: Se pudesse pedir um desejo que se concretizasse para o Sp. Espinho, qual seria?

RS: O desejo que eu queria ver concretizado era que houvesse união em torno do Sp. Espinho. Gostaria que os espinhenses se unissem em redor do clube, uma vez que contribuímos em grande parte para a projecção da nossa região. Um outro desejo que gostava que se concretizasse era o facto de daqui a pouco tempo as infraestruturas que estão no papel se erguessem para que possamos impor-nos no panorama desportivo nacional.

MV: Esse desejo que traçou e que visa transformar o Sp. Espinho num clube com projecção nacional a todos os níveis poderá vir a concretizar-se com Rodrigo dos Santos na presidência?

RS: Será um pouco difícil, dadas as circunstâncias. Também tenho projectos em curso a nível profissional e, além disso, tenho também que dar atenção e apoio à vida familiar. Por isso, penso que será difícil poder continuar à frente dos destinos do Sp. Espinho. Penso, no entanto, que há pessoas válidas, nomeadamente sócios do clube, que serão capazes de dirigir os processos que estão em curso. Como sócio darei sempre o meu contributo no sentido de levar a cabo este projecto. O Espinho é o clube do meu coração, daí que darei todas as minhas forças para que este projecto do qual sou mentor se concretize. Estarei sempre disponível para que este projecto não caía.

MV: Um apelo...

RS: O apelo que faço vai em direcção aos sócios, peço-lhes que se unam em redor do clube e que tenham paciência e confiança neste projecto. É um projecto que dá garantias ao clube para se afirmar. Esta é uma situação que também nós, dirigentes, querem ver consumada, por isso peço apoio a todos. • J.L.



desporto

FUTEBOL - II LIGA Rio Ave, 0 - Sp. Espinho, 0

Precioso

Depois de duas derrotas consecutivas, pedia-se ao Sp. Espinho que pontuasse em Vila do Conde. O próprio técnico espinhense o havia dito no final do encontro com o Leça. Os jogadores encaixaram bem a mensagem de Luís Norton de Matos e alcançaram um ponto no terreno do Rio Ave.

Foi uma partida jogada a bom ritmo, com alguma superioridade para a formação da casa. O Sp. Espinho, por seu turno, soube aguentar bem a pressão causada pelo ataque vilacondense e, em rápidos contra-ataques, poderia ter mesmo visado as redes da baliza defendida por Bizarro. Um resultado justo que premeia o espírito de solidariedade que existiu entre os jogadores espinhenses e castiga a inoperância atacante dos avançados do Rio Ave.

Cumpridas que estão 22 jornadas, o Sp. Espinho ocupa a 13.ª posição com 22 pontos. No próximo domingo, os "tigres" recebem a vizinha União de Lamas.

opiniões

NORTON DE MATOS (Treinador do Sp. Espinho)

"Foi um empate arrancado a ferros mas saboroso e que espero traga motivação aos jogadores do Sp. Espinho. Fizemos uma partida equilibrada durante 80m, na recta final do encontro tivemos aquela estrelinha que em tantos outros jogos nos tem faltado." •

HORÁCIO GONÇALVES (Treinador do Rio Ave)

"Fizemos um grande jogo, mas faltou-nos qualquer coisa, como aliás já vem faltando há algum tempo. Ainda não perdemos na segunda volta, mas queremos vencer os jogos e hoje bem fizemos para transformar o empate em vitória." •

HÓQUEI EM PATINS DA ASSOCIAÇÃO ACADÉMICA DE ESPINHO

Haverá crise?

Definitivamente, este não é o ano da Académica de Espinho no que toca ao Hóquei em Patins.

Os resultados não são animadores e, neste momento, não permitiriam que os academistas disputassem a tão almejada subida de divisão.

Depois do afastamento, surpreendente, da Taça de Portugal frente ao Hóquei Clube de Fão, a Académica de Espinho não tem conseguido resultados favoráveis no campeonato que lhe permitam alcançar aquele que foi apontado como o principal objectivo: regressar à primeira divisão.

Este fim-de-semana, a formação academista empatou em casa a duas bolas frente ao Cucujães e não conseguiu rectificar a derrota averbada no passado dia 2 na Marinha Grande frente ao Marinhense por 5-0. Este foi um jogo que, para além de não ter corrido de feição para a Académica de

Espinho em termos desportivos, correu mal no que toca a questões disciplinares. Dois jogadores academistas e o seu treinador, no decorrer da partida, foram admoestados com cartão vermelho. Inexplicavelmente, um dos jogadores em questão ficou isento dos cartões no boletim do jogo e Filipe Pais, que não tinha sido advertido pelo árbitro da partida, foi castigado com o castigo correspondente ao seu colega de equipa.

O jogador da Académica de Espinho pediu explicações aos responsáveis da AAE e obteve o seguinte como resposta: "Tive como resposta que também vi o cartão vermelho mas esta é uma situação que tanto os meus colegas de equipa como também todos aqueles que assistiram ao jogo sabem perfeitamente que isso não aconteceu". Filipe Pais, o principal visado nesta situação, refe-

re ainda: "É uma situação muito estranha, mas não quero acusar ninguém de manobras estranhas. O que lamento é que a Académica de Espinho tinha a obrigação de me defender, como jogador do clube. Se realmente houve engano por parte da equipa da arbitragem na elaboração do boletim de jogo, não percebo por que não o fizeram... Já tomei a decisão de sair da Académica e, como estava emprestado pelo Gulpilhares, o seu presidente, em conjunto comigo, irá interceder junto da Federação Portuguesa e da Associação de Hóquei em Patins para que a verdade dos factos seja reposta".

O "MV" tentou ouvir a outra parte mas a resposta que nos foi dada foi que o grupo de trabalho da Académica de Espinho não está autorizado a prestar declarações. • J.L.

HÓQUEI DE SALA

'Europeu' na Nave

Vai realizar-se no próximo fim-de-semana, na Nave Polivalente de Espinho, o XII campeonato da Europa deHóquei de Sala. A Académica de Espinho vai estar presente e defenderá as cores da cidade de Espinho

e também as de Portugal.

António Carvalho, responsável pela secção de hóquei de sala da Académica de Espinho, espera que "este seja um evento que possa projectar a cidade de Espinho e a Académi-

ca". Quanto à participação espinhense, "vamos entrar para fazer o melhor possível e fazer o melhor possível poderá passar pela vitória...". António Carvalho deixou um apelo a todos os espinhenses e amantes da

modalidade: "Apelo a todos para comparecerem sexta, sábado e domingo na Nave Polivalente de Espinho para presenciarem o espectáculo mas também para apoiarem a nossa equipa". ■

RESULTADOS

FUTEBOL JUVENIL

Juniores: Sp. Espinho, 0 - Sanjoanense, 1

Iniciados A: Sp. Espinho, 3 - Ovarense, 2

Iniciados B: Sp. Espinho, 3 - Barroca, 2

VOLEIBOL

Sp. Espinho, 1 - V. Guimarães, 3

AAE, 3 - Acad. Coimbra, 1

Benfica B, 1 - CVE, 3

HÓQUEI EM PATINS

Seniores: AAE, 2 - Cucujães, 2

Juniores: Acad. Coimbra, 3 - AAE, 7

Juvenis: Acad. Coimbra, 3 - AAE, 2 Infantis A: Ola Mouriz, 0 - AAE, 8

Infantis B: AAE, 2 - Gulpilhares, 14

HÓQUEI DE SALA

Feminino: AAE, 0 - U. Lamas, 9

Feminino: AAE, 0 - G.D. Viso, 15

Juvenis: AAE, 1 - Sport, 11

FUTSAL

Moinha da Juventude, 4 - Novasemente, 9 (T. Portugal)

FUTEBOL POPULAR

Tempo de Taças

Este foi um fim-de-semana em que não houve campeonato de Futebol Popular. As partidas que se realizaram foram todas elas para as diferentes Taças em que as equipas espinhenses estavam inseridas.

Na Taça dos Campeõesm a equipa que na passada temporada venceu o campeonato espinhense venceu fora os Águias Galegos por uma bola a zero, mas em virtude da derrota averbada em casa por 3-2 a formação dos Águias de Paramos disse adeus à prova.

Na Taça das Taças, a equipa do Rio Largo também disse adeus à sua participação. Depois do empate a uma bola em Espinho, a formação orientada por Manuel Magano não foi além de um empate a zero, despedindo-se assim da prova.

Na Taça Federação do Norte, havia duas equipas espinhenses em prova, os Leões Bairristas e o Cantinho. A formação do Cantinho foi derrotada em casa por 3-1 pela equipa do Avero-Mar e, consequentemente, despediu-se da competição. Quem não esbanjou a oportunidade de seguir em frente foi a equipa dos Leões Bairristas que, mesmo a jogar fora, conseguiu triunfar por 4-2 e carimbou a passagem à fase seguinte da prova.



Também se jogou uma partida referente à Taça Associação: frente a frente estiveram os Leões Bairristas B e a Quinta de Paramos. Os paramenses foram superiores e venceram por duas bolas sem resposta.

No que toca ao campeonato da primeira divisão, quando já estão cumpridas dez jornadas, o primeiro classificado é a equipa dos Leões Bairristas com 19 pontos, tantos como os Águias de Paramos; no segundo posto aparecem duas formações também empatadas: Associação de Esmojães e Cantinho, que somam 17 pontos.

Na segunda divisão, o líder são os Magos, que somam 25 pontos, mais três que o segundo classificado, a Juventude de Outeiros.

Na terceira divisão, o equilíbrio também é a nota dominante: o primeiro classificado é o Cruzeiro, com 23 pontos, apenas mais um que o Grupo Desportivo de Outeiros, que é o segundo classificado. ■

QUE CIDADE PARA O SÉC. XXI?

O debate no 'Maré Viva' (2)

Não cometam o erro de nos tirarem o sol; sobretudo o sol da esperança

A nossa democracia é uma ditadura mitigada, entre períodos de eleições (sem ditador inamovível e sem excessos berrantes e aberrantes). Democracia, governo em que o povo exerce a soberania, não é de todo. Não se exerce a soberania votando apenas. O voto não é cheque em branco para ser descontado à revelia da vontade de guem o emite.

É, todavia, na democracia que temos que há que viver. E, daí, a obrigação cívica de tentar melhorá-la. Foi nisso que se empenhou o nosso debate no "Maré Viva"

Regressemos, então, às autarquias. É sobre os autarcas que impende, em primeiro lugar, a obrigação referida. E dela faz parte, muito importante, o exercício do poder como órgãos colegiais que são. Os vereadores, em defesa da sua própria dignidade, e da do órgão que integram, devem exigi-lo ao presidente; e este absterse de decidir sozinho porque, ao fazê-lo, desrespeita-os a eles e a vontade do povo que os elegeu a todos. Em segundo lugar devem as Câmaras rejeitar o aumento dos poderes do presidente (desejável é o aumento dos poderes da autarquia), medida posta a circular há já algum tempo e que, a ser implantada, constituirá "um

passo de gigante" para a ditadura municipal. Devem os autarcas, também, convictamente aceitar esta verdade básica: a autarquia existe para mais nada do que tudo fazer para proporcionar à sua população a melhor qualidade de vida possível. A prática municipal, em consequência, provocará uma crescente satisfação aos munícipes e será factor de estabilidade. E, finalmente, devem ouvir a população através dos seus representantes ou, se necessário, consultando-a directamente. E, então, de Espinho não se poderá mais dizer o que Carlos Sárria afirmou do país: "O facto de se viver em democracia não pressupõe, hoje, que se deseje, efectivamente, a participação efectiva do povo/sociedade civil".

ambém a Imprensa tem obrigações. A de informar, esclarecer, ensinar, sugerir soluções e denunciar os desvios e os erros do poder. Da sua acção permanente irromperão capacidades escondidas e sur-



AUGUSTO MOTA

Atrevo-me a fazer um aviso aos detentores do poder. Não façam de conta que os cidadãos só são capazes de fazer peso e sombra.

girá um apurado sentido crítico que aos cidadãos permitirá distinguir entre o possível e o impossível de tantas promessas, enganos tantos, que nos espalham no caminho. Em todo o concelho, só aquele candidato a uma Junta não espalhou enganos no seu programa: "...não faço promessas. O que (os habitantes) quiserem, eu faço". Não sei se foi eleito. Talvez não. Mas, algum dia, poderá sê-lo. E será o tal "milagre"!

também têm obrigação os espinhenses, senhores do seu destino e destinatários da acção da autarquia; por muitas e mais aquela razão que Alberto Camacho resumiu assim: "Espinho somos nós, os que fazemos e desfazemos a cidade." E, para que os munícipes possam agir, necessário se torna interiorizar que é seu o direito e o dever de intervir sempre que os seus interesses são postergados. Mas têm também de se convencer de que é necessário prepararem-se para o seu exercício. Também eles não podem pedir o impossível. Mas não podem aceitar a recusa do direito à intervenção. Dessa maneira nasce o direito à indignação; mesmo que esta envolva o risco de a resposta se ouvir da boca dos canhões de água da polícia de intervenção.

Um dia, alguém que visitava o Hospital Psiquiátrico do Lorvão, dirigiu-se a um internado que se encontrava ao sol, encostado a uma ombreira de porta e per-

guntou-lhe o que fazia ali. O doente olhou para ele, com seus olhos tristes, seu olhar distante, absorto e, após segundos de silêncio em que pareceu ter ido buscar a outro mundo a resposta, disse: "Peso e sombra." Que sábio escorreito teria encontrado forma mais adequada para traduzir a condição do doente mental?

Atrevo-me a fazer um aviso aos detentores do poder. Não façam de conta que os cidadãos só são capazes de fazer peso e sombra. Um dia eles darão conta de que sombra já não podem fazer porque os erros de quem manda lhes roubaram o sol. Sol que faz a luz e a sombra, cria alegia, gera o desejo, a determinação e a força para mudar o mundo, no esforço contínuo de tornar melhor e mais bela a terra onde se vive.

Não cometam o erro, que será pago algum dia, de nos tirarem o sol. O sol das ruas; o sol das casas; e, sobretudo, o sol da esperança. • Espinho, 30/01/02





Encontram-se em pagamento as assinaturas do MARÉ VIVA referentes ao ano de 2002 ao preço de 15 Euros, não tendo, por isso, sofrido qualquer alteração em relação ao ano transacto.